

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS  
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE PARINTINS  
LICENCIATURA EM HISTÓRIA**

**ETHOS E TERRITORIALIDADE RELIGIOSA: AS FESTAS TRADICIONAIS DOS  
SANTOS POPULARES NOS TERREIROS DE UMBANDA EM PARINTINS**

<sup>1</sup>Acadêmico: Willian Bentes Brandão

<sup>2</sup>Orientador: Diego Omar Silveira

**RESUMO**

Este presente trabalho disserta uma discussão a respeito dos festejos realizados pelos terreiros de umbanda aos santos católicos, as suas relações com o catolicismo em suas celebrações, sua inserção dentro do território urbano, bem como suas lutas, resistências e reafirmações para se manterem em seus locais. Essa temática de pesquisa surgiu a partir do interesse de buscar compreender os motivos que levam a esse movimento, tentar elucidar os vários porquês dentro dessas festas e em que momento das celebrações é possível perceber a hibridização religiosa. Além de tudo buscar compreender porquê esses terreiros de umbanda sofrem tanto com as segregações no meio urbano. Atualmente, a Umbanda vem ganhando maior visibilidade na cidade, principalmente no festival folclórico, construindo seu espaço em uma cidade predominante do catolicismo.

**Palavras-Chaves:** Umbanda. Territorialidade. Santos Populares. Festejos.

---

<sup>1</sup> Acadêmico do curso licenciatura em história, [will18his@gmail.com](mailto:will18his@gmail.com)

<sup>2</sup> Professor Adjunto da Universidade do Estado do Amazonas, no curso de licenciatura em História. Mestre em História e Doutor em Antropologia Social pela Universidade Federal do Amazonas.

## **SUMÁRIO**

<b><i>INTRODUÇÃO</i></b>	<b>2</b>
<b><i>OS SANTOS POPULARES NA CULTURA DO POVO AMAZÔNICO</i></b>	<b>4</b>
<b><i>AS PROBLEMÁTICAS DA AFIRMAÇÃO DOS TERREIROS DE UMBANDA NOS ESPAÇOS URBANOS</i></b>	<b>8</b>
<b><i>BREVE ELUCIDAÇÕES SOBRE A UMBANDA EM PARINTINS</i></b>	<b>12</b>
<b><i>AS FESTAS TRADICIONAIS NOS TERREIROS DE UMBANDA</i></b>	<b>14</b>
<b><i>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</i></b>	<b>16</b>

## INTRODUÇÃO

Para iniciar este trabalho destaco aqui a importância de se falar sobre as religiões na Amazônia, onde há uma necessidade de descolonizar a identidade cultural e religiosa desta região, mudar essa concepção errônea em achar que na Amazônia a única religião existente é a católica. São muito evidentes a presença e a predominância do Catolicismo na região, assim como também da resistência cultural indígena, mas podemos encontrar no Amazonas a presença das religiões de matrizes africanas, que estão inseridas nesta localidade devido o processo histórico e social, que assim configurou a cultura amazônica, no qual podemos ver vestígios, memórias e histórias nos terreiros de Umbanda em Parintins.

Pretende-se então, dentro deste trabalho, dialogar com vários relatos de memórias e a história dessa religião, para tentar entender a construção dessa expressão religiosa no município, e ainda buscar compreender as relações dos santos católicos dentro da religião, assim como suas festas que são realizadas nos terreiros. Outra pauta importante deste trabalho é trazer a problemática dos processos históricos, que geram a segregação, o preconceito e a intolerância de diversas crenças amazônicas.

Essa pluralidade religiosa dentro da Amazônia e a presença das religiões de matrizes africanas na região, sincretizado com várias ramificações culturais, são motivos de pesquisas e estudos acerca do território amazônico, que se mostra nitidamente marcado por uma diversidade de crenças, mitos, lendas, saberes populares, cosmologias religiosas e ancestralidades que expressam a religiosidade das populações locais, formando assim o que chamamos de complexo religioso amazônico caracterizado pelo diálogo entre o homem da Amazônia brasileira e o sobrenatural. Sobre um olhar mais antropológico Sérgio Braga busca explicar alguns aspectos e peculiaridades que estão presentes nesses movimentos.

Para efeitos de delimitação de nossos propósitos de análise, considera-se como “festas amazônicas” as práticas culturais de populações urbanas mestiças ou “caboclas”, com suposta influência cultural indígena, de afrodescendentes e da colonização europeia, registradas na literatura de época e vivenciadas hoje no âmbito da região Amazônica, com destaque para as festas correspondentes ao Estado do Amazonas. (BRAGA, 2004. pg.9)

A presença de um movimento religioso incomum e peculiar para os moradores do meio urbano, como a dança exótica, a cantoria e o toque do tambor africano, torna-se um

incômodo a comunidade, resultando em uma não aceitação da população dessas práticas religiosas, o que ocasionam a segregação dos Terreiros de Umbanda para áreas afastadas do centro urbano. Entretanto os terreiros, apesar de se encontrarem afastados das áreas urbanas, não deixam de praticar seus cultos e festejos tradicionais, que atrai a participação de muitas pessoas, pode-se dizer que a população do entorno desses terreiros e até mesmo pessoas que frequentam, circulam ou conhecem pelo termo pejorativo “terreiro de macumba” sabem onde pode estar situado um terreiro.

Esses movimentos realizados pelos terreiros, levam muitas pessoas a visitar ou prestigiar as festividades nos centros de umbanda, que na maioria das vezes sempre buscam festejar os Santos Populares da igreja católica, ainda como formar, em algumas situações, de mascarar seus Orixás, através do sincretismo. Entretanto é necessário ressaltar que as festividades dos Santos Populares nos terreiros de umbanda em Parintins, são tradicionais e que já ocorrem a mais de 3 décadas, onde tais festividades contêm características e simbolismos que são encontrados em muitas festas ou arraiais das Igrejas católicas, porém sem perder ou negar suas práticas religiosas sua essência ancestral, como o toque de tambor, os pontos cantados, a dança, a incorporação de entidades, a vestimenta.

A princípio o objetivo desse TCC em seu projeto, deveria constar o resultado de pesquisas realizadas com as Zeladoras de umbanda desta cidade, entretanto as entrevistas foram feitas apenas com duas mães de santo, havia uma intenção em realizar uma entrevista e uma pesquisa sobre os terreiro da Mãe Neia, que é Zeladora do Terreiro de Umbanda Ogum-Beira-mar e Cabocla Mariana, o forte interesse em realizar uma entrevista com essa Zeladora está ligado principalmente pela realização da festa de São Cosme e São Damião, que ela realiza no dia 12 de outubro, no dia das crianças.

Deve-se pontuar que Mãe Neia não festeja o santo, porém o Orixá Ibejis<sup>3</sup>, pois São Cosme e São Damião é festejado dia 27 de Setembro. Dessa forma Mãe Neia tem uma liberdade na cultuação de um Orixá, orixá esse que tem ligação aos Erês<sup>4</sup>, assim a Zeladora não se prende às tradições católicas, a um santo, um determinado dia. A festa às crianças

---

<sup>3</sup> Orixá cultuado em religiões afro-brasileiras, protetor das crianças, esse orixá duplo tem seu nome muitas vezes mencionado no plural, como sinônimo de “gêmeos”, aos quais protege especialmente. No Brasil, foram associados aos santos católicos Cosme e Damião, em alguns casos ligados a um terceiro irmão, chamado Doúm ou Dou, nome certamente originário do iorubá *Idòwú*, que se dá ao filho nascido após gêmeos.

<sup>4</sup> São entidades cuja personalidade são de crianças. Erê ou Ibejada é uma atribuição dada a espíritos que se manifestam com caráter e personalidade infantil.

ocorre no Terreiro da Mãe Neia, que está localizado em uma área afastada da cidade, nessa festa ocorre distribuição de brinquedos, guloseimas, brincadeiras coletivas e apresentações de projetos culturais realizados pelo terreiro.

Por fim, esta dissertação será apresentada partindo dos resultados obtidos de leituras e diálogos, confronto, encontros e desencontros que estarão presentes na construção de cada capítulo. Diante do exposto, essa dissertação está dividida em cinco partes.

Logo: no capítulo I “os santos populares na cultura do povo amazônico” vêm abordar um pouco sobre a cultura e a religiosidade do caboclo amazônico, os traços e o mosaico cultural que é constituído a partir dos festejos dos santos populares nas comunidades interioranas. Em seguida no capítulo II em “As Problemáticas Da Afirmação Dos Terreiros De Umbanda Nos Espaços Urbanos” são evidenciadas as várias problemáticas que levam a segregação dos terreiros de umbanda do meio urbano, fazendo uma abordagem da territorialidade religiosa e relacionando essas problemáticas com cidade de Parintins e sua religiosidade. No capítulo III “Breve Elucidações Sobre Os Terreiros De Umbanda Em Parintins” é abordado a construção histórica da umbanda em Parintins, desde as primeiras manifestações até os centros atuais. E para finalizar este trabalho o último capítulo “As Festas Tradicionais dos Santos Populares nos terreiros de Umbanda” abordará os festejos realizados pelos terreiros aos Santos, na qual para os umbandistas os santos são representações dos seus Orixás.

## OS SANTOS POPULARES NA CULTURA DO POVO AMAZÔNICO.

Ao iniciarmos uma abordagem sobre os Santos Populares ou até mesmo das religiosidades no Amazonas, deve-se enfatizar sobre as influências que a cultura europeia ocasiono numa esfera de culturas nativas, a partir do século XVI. Sobre esse choque e influências da cultura portuguesa, na religiosidade do amazonense, esse conflito mostra-se evidente na presença marcante da religião Católica nas cidades e principalmente nos interiores do Estado. Nota-se que as comunidades das diversas localidades do Amazonas, como áreas de terra firme e várzea, em sua maioria acabaram recebendo o nome de santos, um termo ou palavra indígena.

As comunidades que atendem pelo nome dessas figuras católicas geralmente passam a realizar festa e comemoração do santo padroeiro que dá o nome a comunidade. Segundo Sérgio Ivan Braga, com a difusão das festas católicas, houve um conjunto de transformações tanto administrativas e na conquista espiritual, essa expansão dos festejos católicos na metade do século XVIII, como o mesmo afirma, desencadeia uma “primeira urbanização” que coincide com a “caboclicização” da Amazônia. Assim temos:

Deve-se considerar que a Igreja católica tomou parte da colonização europeia portuguesa na Amazônia, influenciando inclusive em práticas culturais de índios, negros e brancos da Colônia e do próprio Império, que podem ser apreendidos através do estudo de festas religiosas e populares que foram transportados de Portugal para a região Amazônica. (BRAGA, 2004. pg. 10)

Como foi ressaltado, é importante lembrar que desde a conquista e ocupação da Amazônia, pelos portugueses, no século XVII, o catolicismo cresceu e se disseminou pela região, a partir disso a figura dos santos foi se tornando cada vez mais parte da cultura local e da religiosidade, que se tornou expressiva entre as populações amazônicas, dessa forma cada comunidade Amazônica que se iniciaram por missões jesuíticas, foram se identificando com cada santo, ou seja, cada comunidade adota um santo padroeiro, a qual realizam suas novenas e promessas. Como afirma Braga, sobre as comunidades e seus santos:

Por outro lado, há que se evidenciar principalmente as religiões devotas aos santos católicos, que fazem de cada comunidade a identificação com um santo, Santo Antônio, São João Batista, São Benedito, entre outros. (BRAGA, 2004. pg. 5)

Entretanto não se pode apenas abordar ou enaltecer o catolicismo popular, a religiosidade na Amazônia, e considerada um mosaico religioso, presente em toda região, por assim ser considerado torna bastante relevante sua abordagem ao descrever uma Amazônia religiosa. Para descrever essa religiosidade regional, é necessário levarmos em conta as diferentes formas de crença ou espiritualidade, que é constituída por cristianismo oriental, cosmologias afro-indígenas e cosmovisão mestiças e cabocla. Dessa forma, dentro de uma Amazônia religiosa, não há apenas uma crença exclusivamente para o católico, mas todas as credences, credos, convicções e elementos que povoam o imaginário do Caboclo amazônico faz parte de uma religiosidade popular que tem herança dos nativos, povos antepassados, e que não geram necessariamente conflitos entre o catolicismo e os santos católicos. Segundo Braga:

Uma religiosidade católica que não conflita com as encantarias amazônicas, como a crença mágica nas peripécias do Boto tucuxi, que seduz e engravida as jovens e mulheres à beira do rio, quando assume as características de um jovem Caboclo; a sedução da Iara, uma mulher que "encanta" os jovens ribeirinhos com a sua beleza e os leva para as profundezas da água doce dos rios Amazônicos. Sem esquecer também das figuras mitológicas como o Anhangá, o Curupira a Matinta Perera, encontradas inclusive na cosmologia Tupi. (BRAGA, 2004. pg. 5)

É nos rincões desse Amazonas, nas comunidades dentro das matas, nas cabeceiras, nos centrões, onde encontra-se esse misto cultural, nas realizações das festas dessas comunidades, a homenagem ao santo padroeiro com danças típicas, músicas regionais, apresentações folclóricas, todos esses elementos estão dentro de uma dimensão religiosa que está associada ao catolicismo. As festas que são realizadas nas comunidades e nas cidades, a maioria dos santos recebem homenagens na data de sua morte, o que evidencia o martírio.

A presença dos Santos populares na cultura do povo amazônico, proporciona festejos onde estão presentes um mosaico de tradições do povo, comumente se observa a hibridização, muitas vezes, do sagrado com o profano, que se mesclam em um único espetáculo dedicado ao Santo. Portanto é possível afirmar que a igreja católica é o centro dos festejos aos Santos populares, pois vê-se a presença marcante desta religião nas comunidades, entretanto, a brincadeira popular, a dança sensualizada, as músicas triviais do povo e todo aspecto que representa a cultura popular se fazem presente e não é posto como problemática, apesar de serem muitas vezes criticada, como afirma Maués.

Essas atitudes são condenadas por muitos, mas na verdade são também esperadas como parte dos festejos do santo, assim como as rezas, as ladainhas, as missas, as procissões, o arraial, a festa dançante, as brigas, os namoros e tudo o mais que compõe uma verdadeira festa de santo. O catolicismo popular apresenta, assim, um componente lúdico que lhe é inseparável e que, a despeito das tensões que provoca na sua manifestação, permanece sempre presente. O que confere à categoria festa uma importância toda especial. (Maués, 2011, pg. 7)

No contexto histórico, a origem dessas festas populares está muito ligada e enraizada nos três matizes que compõem a identidade nacional – os povos africanos, os povos nativos e o europeu, é a partir do choque de culturas desse povo que se torna a gênese das variações de povos regionais, costumes, sabedoria, crenças e festejos. Para Sérgio Ivan Gil Braga, doutor em Antropologia Social, o mesmo afirma que as manifestações populares surgiram ainda na segunda metade do século XVIII com a presença dos portugueses na região Amazônia.

Com a presença de uma variedade de povos, vindos de vários lugares, trouxeram consigo nas bagagens traços de suas culturas, que ao chegarem na Amazônia foi sendo mesclada, um caldeamento de culturas e de povos, que resultaram em nossos costumes, tradições e saberes, vários elementos da nossa cultura se tem hoje devido a presença de muitos povos que vieram para essa região. Esse hibridismo cultural e religioso é encontrado nas cidades e nos interiores, principalmente, na qual são realizadas festas em honra aos santos católicos, uma festa religiosa que acaba se tornando popular. Como já afirmado, as cidades e comunidades interioranas realizam por quase todo o ano as festas dos santos, que acabam se tornando muitas vezes bastante conhecida como festividades na Amazônia, elas são responsáveis pela união de uma pluralidade de pessoas e de demonstração da fé. O culto e festejo aos santos é uma prática comum na região e em todo Brasil.

Após uma breve elucidação sobre a presença dos santos populares na cultura do amazonense, abordar essa temática em relação á Parintins não se torna complexo, pois assim como todas as cidades amazônicas, Parintins tem enraizado na sua construção histórica e cultural a figura dos santos católicos, onde ocorrem diversas festas a eles, seja realizado pela própria igreja ou por promesseiros. Essas festas têm suas práticas tradicionais e característicos desta cidade, a realização desses festejos; a reza de ladainhas, os cânticos, a preparação do barracão da festa, igreja, geram laços de fé que unem todas pessoas do bairro da cidade (paróquia) e a cidade por inteira (diocese) motivadas e unidas para realizarem a festa ao santo devoto ou padroeiro.

Parintins desde sua fundação tem o catolicismo como sua principal religião, pode-se afirmar que a igreja foi uma das principais personagens de bastante importância para o desenvolvimento da cidade, bem como no âmbito social, como econômico, a igreja católica se fazia presente em todos os cenários da cidade até na política local. Essa participação constante da igreja na história e no desenvolvimento de Parintins leva muitos a crer que a cidade é católica, bem, em sua maioria, mas ao adentrarmos ao universo da religião e religiosidade do município nota-se que a cidade é multifacetada.

Assim como há uma diversidade étnica em Parintins de seus habitantes, essa mestiçagem ocorreu também na cultura, na religião e em vários outros aspectos, neste caso dando referência à religião afro-brasileira que também se faz presente na cidade. Ocorre que em Parintins acabou por se tornar um local de fusão cultural, desde o passado indígena, até a atualidade cariboca, vários fragmentos da cultura de muitos povos que aqui se fizeram presente, foram sendo incorporadas, ao longo do tempo, na cultura local. A presença do negro no Amazonas, contribuiu com seus traços culturais que chegaram até Parintins, uma dessas contribuições é a religião afro-brasileira, que, até mesmo nos dias atuais, enfrentam problemáticas e conflitos, que os levam a construir uma sólida estrutura para suas práticas.

Por sua vez, Parintins é uma cidade fundada em berço católico, devido as missões religiosas que eram feitas por Carmelitas, Franciscanos e Jesuítas. A cidade vivencia vários momentos religiosos que expressam essa devoção da população, em sua maioria católica, a igreja, aos santos, e desde a sua fundação percebe-se a presença da igreja por toda a cidade, no seu contexto histórico, no seu desenvolvimento.

Com isso nota-se a forte presença do catolicismo na cidade, se fazendo presente em muitos lugares, por exemplo, cada bairro tem sua paróquia ou capela. Em cada bairro da cidade se encontra uma igreja católica, que está ali desde a fundação, comumente o bairro festeja seu determinado santo, em suas próprias datas, há também o caso de alguns bairros da cidade receberem os nomes do santo daquela igreja, que se fazem presente como primeira instituição religiosa desde o surgimento do bairro. Em uma passagem dos textos de Reginaldo Prandi, ele aborda essa dualidade histórica entre o catolicismo e as religiões afro-brasileiras.

Como foi abordado, em cada bairro da cidade tem uma igreja católica, devido isso os moradores, em sua maioria católicos, recusam a aceitação de outro segmento religioso, que

não seja cristão, resultando na segregação de outras manifestações religiosas, que crescem timidamente na cidade, principalmente em áreas afastadas do centro urbano, entretanto, alguns líderes desses novos segmentos, lutam pelo direito de permanecer no seu local e cultivar sua religião, assim, resistindo e firmando raízes em diversos locais no município.

## AS PROBLEMÁTICAS DA AFIRMAÇÃO DOS TERREIROS DE UMBANDA NOS ESPAÇOS URBANOS

Para analisarmos os terreiros de umbanda dentro dos espaços urbanos, primeiramente deve se enfatizar, sua formação e como ele é constituído. Entende-se então que o espaço urbano em sua concepção de desenvolvimento, é influenciado por processos que estão interligados mundialmente aos efeitos produzidos pelo sistema capitalista vigente, e por uma questão histórico-social, que influencia na segregação do povo negro, ou seja, esse modelo ideológico e econômico, influência diretamente no processo de urbanização, que acabou se tornando uma ação mundial, desde o início do século XIX.

Dessa forma, esse processo de urbanização, falando diretamente sobre o Brasil, ocorre acentuadamente nas capitais do país, logo no início dos anos de 1900, esse projeto de embelezamento, ocasiona uma interferência social, ou seja, o espaço passa a ser produzido hierarquicamente, e sob os moldes uma cultura “oficial” ou “civilizada”, que faz com que esses setores urbanos se tornem uma área de atuação e luta de interesses, essa influência da modernização europeia sobre o país, irá implicar claro, sobre a presença do negro nos centros urbanos, como afirma Sodré, sobre a modernização do Rio de Janeiro:

Modernizar o Rio, implicava, pois, em sanear e construir – e, claro, transformar as relações dos grupos sociais com o espaço habitacional, tornando menos notória a presença do negro e dos contingentes de “vadios” (subempregados, desempregados). (SODRÉ, 2002. pg. 47)

Essa interferência da modernização europeia sobre o espaço urbano, dentro do contexto histórico do Brasil, gerou classes composta por diferentes forças e grupos que lutam pelo poder, priorizando suas aspirações e necessidades socioculturais dentro da sociedade. Outra vez cito Sodré para enfatizar esse processo da reforma das cidades por interesse capital:

As reformas atendiam às evidentes exigências da ordem produtiva, em termos econômicos puros e simples, mas

também a exigências ideológicas, pois importava politicamente aos dirigentes (banqueiros, industriais, comerciantes) inscrever-se como classe vitoriosa no espaço físico. (SODRÉ 2020. pg. 46)

Dentro dessas apreensões, percebe-se que o espaço urbano, na sua resignificação, está além de um simples aglomerado de obras, ou transformações causadas pelo homem no meio natural, o espaço urbano, agora é entendido, como uma área que sofre interferência aos moldes do capitalismo e que também pode ser considerado como um produto que está sob constantes transformações, que podem ou não estar fragmentadas.

Observa-se então que é a partir dessa interferência do sistema capitalista no meio urbano, que gera luta de classes, jogo de interesse, hierarquização social e disputa por poder, que se tem a segregação urbana. Este fenômeno, está quase sempre presente no processo de expansão das cidades, principalmente nas grandes metrópoles, assim observa-se que, “Na ocupação paulatina do Rio de Janeiro, sobrou para os negros o pior, ou seja, a periferia insalubre (...), onde eram péssimas as condições de vida. ” (SODRÉ, 2002. pg. 42). A segregação urbana está ligada a uma lógica que produz as hierarquias sociais, que são geradas a partir do processo político, econômico e social, que é interferente na produção e desenvolvimento das zonas urbanas.

Essa ação, além de interferir na sociedade e nas camadas sociais, ela perpetua o processo de uma dominação histórica, nesse caso referindo ao estilo de vida eurocêntrico, que se sobrepõem sobre todas as outras formas de comportamento social. Essa interferência da sociedade europeia sobre a modernização do Brasil, é um processo histórico, a modernização europeia chegou ao país atingindo a classe popular, e essa luta contra as peculiaridades do povo, se dá desde a chega de Dom João VI no Brasil. Assim temos:

“Nada disso tinha haver com o universo das classes populares. Mas a ideia dessa remoção – que implicava “europeizar” o espaço urbano carioca – já remontava a primeira década do século XIX, quando a Corte portuguesa de Dom João VI se instalou na Colônia. Na época a higiene da cidade é motivo de críticas para viajantes europeus. ” (SODRÉ, 2002. pg. 43)

Esse processo histórico está ligado ao padrão de vida colonial, na qual sistematizava a sociedade e a produção do espaço, assim como também excluía do meio urbano qualquer manifestação cultural que ia de encontro com a sua concepção de cultura, sociedade e espaço.

Um dos grupos que está inserido dentro da cultura e religião da sociedade brasileira e que sofrem com a segregação nas cidades e nos bairros, são os grupos religiosos de matrizes

africanas, como os umbandistas. Que são segregados das áreas urbanas, espaços que foram produzidos durante décadas, a partir de uma ideologia católica, ainda hegemônica. Em uma passagem dos textos de Reginaldo Prandi, ele aborda essa dualidade histórica entre o catolicismo e as religiões afro-brasileiras.

Quando se trata das religiões afro-brasileiras, as estatísticas sobre os seguidores costumam oferecer números subestimados, o que se deve às circunstâncias históricas nas quais essas religiões surgiram no século XIX, quando o catolicismo era a única religião tolerada no País, a religião oficial, e a fonte básica de legitimidade social. Para se viver no Brasil, mesmo sendo escravo, e principalmente depois, sendo negro livre, era indispensável, antes de mais nada, ser católico. Por isso, os negros que recriaram no Brasil as religiões africanas dos orixás, voduns e inquices se diziam católicos e se comportavam como tais. (PRANDI, 2004. pg. 225)

Devido ao grande poder que a igreja católica detém, os católicos possuem, oficialmente, locais propícios, favoráveis e privilegiados, para suas práticas, que são aceitas pela classe dominante, enquanto que os umbandistas, por sua vez, vivem muitas vezes dissociados do restante da sociedade e marginalizados.

A interferência do sistema capitalista no mundo, traz à tona diversas concepções do “moderno”, que vem a implicar com as práticas afro-religiosas, por exemplo a Umbanda passa a ser caracterizada como um segmento religioso atrasado, representado por signos e símbolos que se contrapõem ao modelo imposto pelos valores e ideias da modernidade.

É partindo dessa concepção que se pode destacar os conflitos religiosos dentro das áreas urbanas. Adotando como exemplo as práticas religiosas umbandistas e a expansão de uma ideologia neopentecostal, vê-se atualmente que o cenário socioespacial dos umbandistas, ou seja, a classe social e o local onde está inserido, está inferiorizado, não atendendo aos direitos básicos sociais necessários, nesse caso ressaltando tanto o âmbito material quanto o espiritual-simbólico. Para enfatizar essa abordagem, Prandi descreve essa falta de apoio às religiões afro-brasileiras:

Continuam a sofrer agressões, hoje menos da polícia e mais de seus rivais pentecostais, e seguem sob forte preconceito, o mesmo preconceito que se volta contra os negros, independentemente de religião. (PRANDI, 2004. pg. 225)

Envolvidos e inseridos em uma sociedade cuja religiosidade tradicional segue uma ordem ocidental-cristã, os umbandistas são acometidos por perseguições e taxados a ideias estereotipadas, desde o seu surgimento, devido o preconceito e pressões cada vez mais

crecentes desses grupos pentecostais e neopentecostais. É muitas vezes este segmento religioso que invadem e depredam, os centros, as roças, os barracões, as searas, além de criar e disseminar abstração pejorativa das religiões afro-brasileiras, assim como suas práticas religiosas, tidas por eles como rituais demoníacos. Novamente Prandi traz uma explicação para essa perseguição dos pentecostais aos umbandistas:

Para o candomblé, que está mais perto do pensamento africano que a umbanda, o bem e o mal não se separam, não são campos distintos. A umbanda, porém, quando se formou, se imaginou também como religião ética, capaz de fazer a distinção entre o bem e o mal, à moda ocidental, cristã. Mas acabou criando para si uma armadilha. Separou o campo do bem do campo do mal. Povoou o primeiro com seus guias de caridade, os caboclos, pretos-velhos e outros espíritos bons, à moda kardecista. Para controlar o segundo, arregimentou um panteão de exus-espíritos e pombagiras, entidades que não se acanham em trabalhar para o mal quando o mal é considerado necessário. (PRANDI, 2004. pg. 228)

Foi partindo dessa errônea ideia dos umbandistas em distinguir essa dualidade entre o bem e o mal, que gerou no imaginário estereotipado, principalmente dos pentecostais ou neopentecostais, uma figura diabólica, satânica e todas as denominações do que é errado e mal sobre a Umbanda, onde os mesmos introduziram no imaginário social a ideia de que os cultos e as práticas afro-religiosas, estão vinculados ao um paganismo pré-moderno entrelaçado à bruxaria e aos espíritos maus. Como também os artefatos religiosos e os rituais, que são demonizados por fiéis evangélicos que defendem e pregam Verdade, é partindo desse conflito que coloca as tradições umbandistas na clandestinidade, e a interferência na construção do imaginário social, afeta o conceito e o valor da religião afro, colocando-as como representatividade de um Brasil atrasado, Prandi explica um pouco sobre essa rivalidade das pentecostes contra as religiões afro-brasileiras:

Tratado durante muito tempo com discrição e segredo, o culto dos Exús e Pomba Giras, identificados erroneamente como figuras diabólicas, veio recentemente a ocupar na umbanda lugar aberto e de realce (Prandi, 1996, cap. 4 e 2001). Era tudo de que precisava um certo pentecostalismo: agora o diabo estava ali bem à mão, nos terreiros adversários, visível e palpável, pronto para ser humilhado e vencido. O neopentecostalismo leva ao pé da letra a idéia de que o diabo está entre nós, incitando seus seguidores a divisá-lo nos transes rituais dos terreiros de candomblé e umbanda. (PRANDI, 2004. pg. 229)

O Candomblé e demais religiões afro-brasileiras foram se aproximando do que Prandi chama de Religião universal, a partir da lógica de desenvolvimento do capitalismo moderno e

de sua estruturação social ao longo da história, onde a organização do espaço territorial brasileiro, foi constituído por uma sociedade escravocrata que excluíram o povo negro dessa organização, segundo Sodré.

Ora, como o afastamento de escravos e ex-escravos afigurava-se fundamental a uma sociedade que, no final do século XIX, sonhava em romper social, econômica e ideologicamente com as formas de organização herdada pela Colônia - e que já excluíam o negro dos privilégios da cidadania -, intensificaram-se as regras de segregação territorial, tradicionais na organização dos espaços brasileiros. (SODRÉ, 2002. pg. 39)

Atualmente no município de Parintins dispõe de uma grande pluralidade religiosa, há vários territórios criados pelas instituições religiosas, como católicas, evangélicas, maçons, daime, quimbanda, umbanda, espírita, candomblé, mas o que se pretende elucidar aqui é compreender o território dos terreiros de umbanda e suas territorialidades dentro da cidade.

Em Parintins existe uma diversidade de terreiros, que são até desconhecidos, cada terreiro de umbanda dentro desta cidade segue seus próprios fundamentos e doutrinas. Mas o que deve ser compreendido aqui, é a construção de uma territorialidade, partido da própria localização desses terreiros, a disseminação de uma imagem, onde esses locais são vistos por alguns indivíduos da cidade como território de cultos, de paganismo, ou usando o termo pejorativo terreiro de macumba.

Ocorre que a segregação desses movimentos religiosos resulta no afastamento dos terreiros de umbanda do centro da cidade para áreas mais afastadas, como no caso do Terreiro São Sebastião, que se localizava no centro da cidade, e atualmente se encontra em uma área afastada do espaço urbano, assim como vários outros terreiros que se encontram afastados da cidade, mas pelo simples motivo de segurança. E quando os terreiros se recusam a sair dessas áreas, pode levar a ocasionar graves conflitos entre os moradores ou outras instituições religiosas, principalmente com a umbanda em Parintins, essas tensões dentro dos núcleos urbanos resultam na segregação dos terreiros.

Como dentro dos núcleos urbanos se encontra várias tensões e conflitos reproduzindo um processo de segregação, esse processo está ligado principalmente as diversas classes sociais, de pessoas com segmentos diversos e suas fragmentações culturais, ocasionado pelo capitalismo moderno. É seguindo essa lógica, que se pode entender o real motivo pela qual levou muitos terreiros a serem vítima desse processo, a vizinhança e a igreja também são um dos principais motivos que levam a segregação desses terreiros para áreas distante, os

vizinhos por muita das vezes partem do preconceito e a igreja pela não aceitação da manifestação no bairro, em alguns casos a perseguição e a depredação dos locais de culto. Partindo de uma visão cultural, os terreiros de umbanda, ou os barracões de candomblé, passam a afirmar seus territórios a partir de representações, que identificam que ali é um local de culto afro-religioso, passando assim a se enraizar dentro desses espaços urbanos, dando-lhe assim uma identidade socioespacial.

Logo é perceptivo a presença da cultura afro-brasileira na cidade, mesmo que em algumas situações segregada, dessa forma não é difícil encontrar dentro da cidade espaço onde se cultuam as religiões afro. Obviamente que esse movimento religioso sofre discriminação por parte da população, na qual são chamados terreiros de macumba, devido ao preconceito enraizado na comunidade, além de serem vistos como práticas incomuns por muitos, pois esta religião foge dos costumes e da tradição religiosa do catolicismo e também do protestantismo, que vem ganhando forças nas últimas décadas da população.

#### BREVE ELUCIDAÇÕES SOBRE A UMBANDA EM PARINTINS.

Atualmente se vê um número bem relativo de centros terreiros de Umbanda e Candomblé em Parintins, por vezes até desconhecidos, mas o aumento dos números desses locais de culto afro religioso é evidente. Como já abordado, Parintins tem enraizado desde sua fundação a religião católica, que é predominante na cidade, logo as pessoas que se identificam e se afirmam com as afro-religiões, são marcados por constantes disputas de territórios físicos e culturais dentro do cenário da cidade. Esses conflitos levam os terreiros a mudarem de seu lugar, de origem, muitas vezes nos centros ou nos bairros da cidade, devido a evidente falta de alteridade. Outros motivos levam ao afastamento dos terreiros, como os seguimentos religiosos, que não aceitam a presença ou conviver com religiosidades diferentes, ou seja, as religiões de matrizes africanas.

Primeiramente, para se abordar sobre a umbanda em Parintins, temos que rebuscar nos relatos de moradores antigos da cidade, a presença desse movimento religioso, que mesmo numa forma tímida, já se fazia presente na vida dos parintinenses na década de 60 e 70, nesse caso referindo as práticas das pajelanças, ou os pajés de quintais, que trabalhavam e atuavam principalmente no âmbito da cura, utilizando os saberes tradicionais dos povos indígenas, as rezas do catolicismo popular e a incorporação dos segmentos afro. Figuras ilustres dessa época como Dona Iracema, Dona Rosinha, Dona Isabel e Dona Basinha, mulheres curandeiras

da cidade, que benziavam, curavam, puxavam, eram parteiras, rezadeiras, tiravam quebranto, sendo as duas últimas mencionadas, ambas tinham em suas casas atabaques rústicos, que proporcionava a realização de giras, talvez para desenvolvimento próprio, pois não é correto afirmar se Dona Basinha e Dona Isabel, chegaram a desenvolver médiuns, mas realizavam giras em suas residências, trabalhando com entidades encantadas presente na religião umbanda. Essas personagens são encontradas nos relatos de moradores do centro da cidade e do bairro de Palmares, sobre uma umbanda ainda desconhecida, primitiva e rústica, presente já nas décadas de 60 e 70, e podem servir como objeto de pesquisa futuramente.

Já se era evidente a presença dos ritos umbandistas, através dessas figuras já mencionadas, porém pouco conhecidas. Entretanto a umbanda só foi oficializada em Parintins com a chegada de Daniel Adelino Brito e a fundação do primeiro terreiro de umbanda. É a partir daí que então se inicia a trajetória da formação dos centros e terreiros da cidade de Parintins. O então Pai Daniel, que desde criança já sentia a presença dos guias, sendo acometido muitas vezes com crises e ataques, deu início na sua vida umbandista ainda em Manaus. Então seu Daniel Brito, começou a desenvolver sua mediunidade. Com os conhecimentos adquiridos durante seu desenvolvimento, seu Daniel Brito trouxe para Parintins a umbanda uma religião que ainda era pouco conhecida na cidade.

Chegando em Parintins no início da década de 80, logo ficou conhecido como Pai Daniel, e então no ano de 1983 no dia 27 de setembro o “Pai Daniel”, fundou o seu terreiro de umbanda na qual foi denominado “Centro Espirita de Umbanda São Cosme e Damião”, sendo esse o primeiro terreiro de umbanda, oficializado no município. Logo a partir desta ocasião, Pai Daniel passou a festejar por todos os anos, foi ele quem realizou os primeiros festejos em homenagem a “São Cosme e Damião” na cidade de Parintins, que logo após com o surgimento de outros terreiros passaram a festejar nesta referida data, longe de afirmar que os terreiros de umbanda em Parintins estão ligados ou selados a égide de Pai Daniel, afinal a data em comemoração à São Cosme e São Damião é no dia 27 de setembro, mas a realização do festejo aos Santos foi motivada por uma promessa que “Pai Daniel” fizera. Então 1983 começou a realizar os festejos onde homenageou os Santos até nos últimos anos de sua vida. Pai Daniel trabalhava com o guia espiritual Zé Raimundo Boji de Buá da Trindade<sup>5</sup>, uma entidade encantada que faz parte da família de Légua Boji, que quando encarnados viveram na região do Codó no Maranhão. Através da incorporação desta entidade, Seu Zé Raimundo

---

<sup>5</sup> Zé Raimundo Boji Buá Sucena Trindade é um encantado codoense do tambor de Mina, pertencente a família de Légua Boji, linha de encantados da Mata do Codó, no Maranhão.

na pessoa de Pai Daniel realizou muitos feitos, curando, benzendo, afastando espíritos ruins, Pai Daniel realizava atendimentos que eram feitos em sua residência, com o intuito de ajudar ao próximo. Foi então através de seus feitos e ações realizadas que “Pai Daniel” começou a ter maior visibilidade dentro de Parintins, atraindo atenção de pessoas que buscavam tratamento ou desenvolvimento espiritual, os médiuns, essas pessoas passaram a procurá-lo em busca de ajuda espiritual. Antes mesmo de começar a desenvolver médiuns, Pai Daniel até então somente atendia, ajudava e realizava seus trabalhos dentro da umbanda, foi a partir da procura dessas pessoas por Pai Daniel, que o mesmo iniciou sua formação de corrente de médiuns.

## AS FESTAS TRADICIONAIS NOS TERREIROS DE UMBANDA

### FESTA DE SÃO SEBASTIÃO – TERREIRO DA MÃE BENA

A Festa de São Sebastião que ocorre todos os anos no dia 19 e 20 de janeiro, realizado por todos do terreiro da Mãe Bena, celebra São Sebastião que na umbanda representa através do sincretismo o Orixá Oxóssi, rei das matas, o caçador, orixá africano, trazido ao Brasil incrustado na fé inabalável dos escravos traficados, espírito que trabalha em suas vibrações, os chamados caboclos que são espíritos de nossos ancestrais, que em vida foram índios, fossem eles os primeiros habitantes dessa terra, ou os “acaboclos” que apesar de já acostumados com a civilização, ainda mantinha fortemente seus costumes, pajelanças e demais rituais. Hoje estes espíritos são os que trabalham na Umbanda, representando Oxóssi, o orixá, que é equivalente a São Sebastião no processo sincrético que equipara orixás a santos católicos.

A festa é realizada no Centro Cultural e Terreiro de Umbanda São Sebastião, a representante do terreiro é a dona Benedita Pinto dos Santos, conhecida como “Mãe Bena”. O terreiro é afastado da cidade, é grande e espaçoso, onde alguns filhos do terreiro residem na propriedade. Existe outros terreiros de Umbanda na cidade de Parintins que festejam São Benedito, com suas respectivas programações e suas formas de festejar o santo, como o Centro Espírito de Umbanda Mãe Mariana que se localiza na rua Nhamundá, 2135, no bairro do Palmares nos dias 19 e 20, responsável pelo terreiro é a mãe Cintia, a festa acontece na rua com os filhos da mãe Mariana e os adeptos da religião. Os demais terreiros como o Terreiro de Iemanjá na estrada Eduardo Braga próximo a universidade Federal do Amazonas, o Terreiro de Umbanda Ogum Beira-Mar e Caboclo Mariana no Castanhal tendo a mãe Neia como responsável e o Centro Espirita e Terreiro de Umbanda São Cosmo e Damião localizado no Itaúna I, celebram a festa de São Sebastião de uma forma mais fechada, apenas para os filhos do terreiro.

A primeira festa de São Sebastião foi realizada no antigo Terreiro da Mãe Bena, no beco José Luís de Menezes, não se sabe ao certo quanto tempo de festa, estima uma base de 36 ou 37 anos de festa de São Sebastião.

Sobre a festa, Mãe Bena nos relata um pouco essa trajetória:

[...] quando começou a festa de São Sebastião lá no beco era bem pequena. Era uma festa praticamente só para povo do terreiro. Só no atual local já se passa quase quinze anos fazendo essa festa. Só não tem quinze anos porque teve dois anos de pandemia, então esses dois anos de pandemia não foi feita, voltando a fazer a festa esse ano agora e foi uma festa maravilhosa. (Mãe Bena)

Quando questionada, Mãe Bena trás as seguintes afirmações do que representa Oxóssi no sincretismo:

Para umbanda Oxóssi significa São Sebastião, e para fazer a sagração do terreiro tem que ter o nome de um santo, como eu Mãe Bena sou filha de Oxóssi ficou São Sebastião, tem outros que são filhos de Ogum e vai ficar São Jorge, vai dependendo de cada uma do seu do seu Orixá. (Mãe Bena)

Mãe Bena nos traz seu relato sobre a suas várias mudanças de locais dos seus terreiros, ela afirma que:

O motivo da saída do beco foi porque existiam muito problema no beco com os vizinhos. Não gostavam da religião, problema com outras religiões como uma igreja evangélica que ficava em frente ao terreiro, muita discriminação né, fizeram até abaixo-assinado, que não deu em nada não conseguiram, com tudo isso a eu preferir sair do beco, eu já tinha comprado o terreno no Jacareacanga só que era muito mato, não tinha morador nenhum, [...] então foi vendida a casa do beco fui morar no Palmares na rua Itacoatiara, a saída do palmares não foi por conta de problemas com vizinhos. E aí então, em 2008 resolvi me mudar né, pra cá pro Jacareacanga onde construí meu terreiro e estou até hoje. (Mãe Bena)

Quando se mudou não havia vizinho nenhum no atual bairro, foi a Mãe Bena junto com sua família que abriu rua no bairro com o tempo os pessoais começaram a construir suas casas por lá, os vizinhos frequentam seu terreiro suas festas, hoje em dia ela diz que não se importa mais com o que as pessoas pensam sobre sua religião já convive muito bem com isso.

A festa de São Sebastião tem grandes significados para comunidade, Oxóssi o (Orixá da caça responsável pela fartura e alimentação do ser humano) tem como desígnio, celebrar o alimento, a fartura e a prosperidade. Sendo assim, ambos rituais enaltecem o sustento do corpo e da alma. A festa no terreiro da mãe Bena não tem fins lucrativos, é apenas para

manter a casa seu terreiro é uma promessa feito por ela, que enquanto viva estiver, ira festejar São Sebastião.

Toda as festas que eu dou pro santo, eu mato mais ou menos cinco bois para dar de comer, só não é distribuído a cerveja porque é um gasto muito grande, aí eu vendo né, a cerveja para quem quiser na festa, mas a comida toda é de graça todos os anos. (Mãe Bena)

Segundo mãe Bena sua festa vai continuar sempre até o dia que Deus permitir sua vida aqui na Terra.

Antes do meu marido falecer, o Vanderlei, eu tinha uma parceria muito grande dentro dessa festa, com ele né, mas agora eu continua sozinha, eu e Deus, mas tenho meus filhos carnis e meus filhos de santos, clientes, os adeptos, os devotos de São Sebastião, os pais de santos de fora, isso, então eu tenho um apoio deles né. Então é uma festa muito grande, a estrutura da festa ela baseia no valor de dez mil reais, só com a venda da cerveja eu tiro pra manter os serviços que é trabalhado o ano todo para botar dinheiro em caixa do santo, pra pagar banheiro, estrutura de palco, estrutura de som, luz e organização. Segurança, tudo eu mesma que pago. Tudo é legalizado. (Mãe Bena)

A festa de São Sebastião do terreiro da Mãe Bena de Oxóssi ocorre anualmente, durante os dias 19 e 20 de janeiro, no seu Terreiro. A organização e preparação para a festa se inicia no ano anterior, quando há começa-se a fazer reuniões para deliberar a respeito da realização da festa e da compra dos bois para a matança. Em dezembro ocorre a pintura de todo o Terreiro, desde o salão onde são realizadas as giras, geralmente pintado de branco e a parte de fora do terreiro, as paredes, o barzinho da festa, o barracão de comida, todos pintados de verde.

Em janeiro todas as ações são voltadas para a realização da festa, logo nos primeiros dias do mês Mãe Bena se ocupa nos tramites burocráticos, é ela quem vai atrás dos documentos de autorização, do grupo de segurança, dos banheiros químicos, das mesas, bebidas, luz e som e toda estruturalização da festa pois preza pela realização de um grande evento. Além de lhe dar com todos os procedimentos burocráticos, mãe Bena também tem que atuar no campo religioso. As giras que ocorrem todas as sexta-feira, em janeiro são voltadas mais para os caboclos, entidades da Umbanda que trabalham na linha de Oxóssi. Já na segunda semana de janeiro, é tirado um dia para todos irem na mata para fazerem a retirada do mastro da festa, primeiramente há uma escolha do tronco, e em seguida a derrubada, feito a derrubada da árvore, segue-se um rito umbandista onde é realizado o descimento de oferendas e obrigações. O mastro é levado no ombro até o Terreiro, onde será preparado e ornamentado para o dia da festa.

No dia 18 de janeiro é montado o Panaiá dos caboclos, onde há muitas frutas e Cachaças, que são entregues às entidades, ocorre também no mesmo dia a ornamentação do mastro que envolvido com a folha da piririma<sup>6</sup> (Syagrus Inajai). E já durante à noite às 20h o santo - São Sebastião - sai do terreiro e é levado em procissão até a casa da pessoa que irá receber e guardar o santo até a manhã do dia 20, quando é buscado e levado de volta ao terreiro. É também durante todo o dia 18 que é montado a estrutura, luz e som da festa.

No dia 19 é realizado a ornamentação do mastro com vários frutas, é também colocado frutas no Panaiá, a preparação da alimentação que será distribuída no dia 20, também já é feita nesse dia. É no dia 19 que se inicia a festa, tendo início às 18h da noite, com as rezas e ladainhas feitas em Latim ao Santo, após a ladainha ocorre o toque de tambor, a grande gira dos Caboclos, em louvação à Oxóssi, é também durante o toque do tambor que é feito a Levantação do mastro de frutas, os filhos do terreiro logo após o término da gira vão se posicionando em seus lugares e afazeres, uns ficam no corte da carne, outros na venda e atendimento, e assim se segue até o amanhecer do dia 20.

Na manhã do dia 20, às 5h da manhã o povo todo tem que estar reunido no Terreiro para irem buscar o Santo, é feito a mesma trajetória, com salvas de fogos de artifícios, até sua chegada no Terreiro, ocorre então o café da manhã com todos os filhos do terreiro, após isso todos se voltam à cozinha, pois ao meio dia é feito a distribuição dos alimentos, e há a preparação de toda alimentação que é entregue em marmitas para as pessoas de toda a cidade. A distribuição termina por volta das 14h. É a partir desse horário que se inicia as apresentações de atrações locais, bandas musicais, venda de bebidas, a entrada é liberada, durante o dia todo o Terreiro fica em constante movimento. A festa se estende até a noite, dando uma pausa das 18h às 20h, dentro desse horário é realizado a derrubada do mastro. Após isso, a festa prossegue até às 4h da madrugada. O encerramento da festa é marcado por uma pequena comemoração por parte dos filhos do terreiro, que se sentem realizados por concluírem mais uma festa à São Sebastião. Logo após uma semana da festa de São Sebastião, realiza-se no final do mês de janeiro um ritual denominado Arranca Toco, esse ritual é realizado por todos que participam do terreiro e tem por finalidade arrancar o toco do mastro.

---

<sup>6</sup> Piririma é o nome popular de uma palmeira da família das Arecáceas (ex-Palmáceas), que ocorre na região Norte do Brasil e também na Guiana e Suriname. (VIDE). É uma palmeira de médio porte com sementes comestíveis. Também é chamada de: - janarana – pirima – iatá – jatá - pupunha-brava.

## FESTA DE SÃO LAZARO – TERREIRO DA MÃE BENA

É uma festividade feita ao Santo popular, São Lázaro, que na Umbanda corresponde ao Orixá Omolu ou Obaluaê. Em muitas ocasiões a festa de São Lázaro é tradicionalmente realizada em vários lugares do Brasil, dessa forma é considerada uma manifestação sociocultural. Bastante presente no norte e nordeste é praticada na maioria das vezes como pagamento de promessa, costumando ser precedida por novenas ou ladainhas e continuada com festas e danças, comidas e bebidas distribuídos entre seus participantes. A realização das festividades para esse santo está ligada ao catolicismo popular ibérico, como também é comum ser realizada principalmente em terreiros das religiões de matriz africana ou em alguns casos pelos seus promesseiros. No Amazonas, acontece geralmente nas datas de 9 à 11 de fevereiro.

Uma das festas mais expressivas que é feita à esse Santo, ocorre na comunidade do Aninga, onde está situada a “dona do Santo” que realiza todos os anos uma grande festividade em honra ao Santo. Entretanto, o Santo também é festejado no Terreiro São Sebastião da Mãe Bena.

Poucos são os terreiros aqui em Parintins que se preparam para realizar a festa em honra à esse Santo, diversos terreiros apenas executam o ritual umbandista, o toque de tambor em louvação à São Lázaro que representa a figura do Orixá Omolu e Obaluaê, entretanto sem realizar a ladainha, a distribuição de alimentos para os cães e a festa dançante.

Segundo a tradição judaico-cristã, Lázaro é descrito no Evangelho segundo João, como um amigo de Jesus. O nome Lázaro vem do grego, que quer dizer “Deus ajudou”. Era irmão de duas mulheres que se tornaram conhecidas: Marta e Maria. Lázaro vivia com sua

família no vilarejo chamado Betânia, localizado em Jerusalém. A devoção a São Lázaro, segundo a Bíblia, era muito comum na Igreja Antiga. São Lázaro começou a ser venerado já no início do Cristianismo. As peregrinações eram feitas à sua casa, em Betânia, e ao túmulo onde Jesus o ressuscitara.

No decorrer da história a figura de Lázaro foi sendo ligada às doenças de pele, devido seu corpo ser tomado pelas chagas, tendo o cão como o seu fiel companheiro. Suas características no sincretismo religioso aproximaram-se dos orixás africanos Omolú (Filho do senhor) ou Obaluaiê (Rei, Senhor da Terra). Esses orixás, apesar de receberem denominações diferentes, pertencem a mesma divindade, cujas características são apresentados como aqueles que regem as pestes, as doenças e as epidemias.

Uma divindade ligada a varíola, as doenças de pele, deus das pestes, mas também da morte, a sua imagem manifesta uma simbologia carregada de significados. Sua principal característica, é o acompanhamento de um objeto chamado Xaxará<sup>74</sup>. Seu corpo é coberto de palha, pois conforme já afirmamos, ao ser coberto de chagas desde que nasceu, procurou de alguma forma esconder suas feridas e abscessos. A veste de palha da costa que cobre o rosto e o corpo cria uma barreira ao olhar, impedindo que seu corpo contorcido e ferido seja visto, abrindo, assim, os caminhos do imaginário coletivo.

Uma outra característica muito marcante deste Orixá é sua ligação com a terra. Sabemos que as religiões de matriz africana são reconhecidas como religiões da natureza, onde o seu significado e simbolismo possui suma importância àqueles que delas participam. A terra significa força, fertilidade e energia, mas também significa o subterrâneo, a profundidade e a morte.

Assim, as características similares entre Omolú/Obaluaiê e São Lázaro se dão por diversos motivos, porém a principal aproximação acontece porque o primeiro é o Deus da varíola, das pestes e das doenças epidêmicas, e o segundo apresenta o corpo coberto por chagas. Não obstante as características parecidas, no Brasil a figura de Omolú é comparada também a São Roque. Isto porque, além de estar relacionado as doenças de pele, ele, juntamente com São Lázaro, carrega na sua imagem iconográfica o símbolo do cão.

---

<sup>74</sup> O Xaxará é descrito por muitos cultuadores das religiões de matriz africana, como uma espécie de vassoura feita de nervuras de folhas de palma, decorada com búzios, contas e pequenas cabaças que se supõe conte remédios.

A festividade que ocorre no Centro Cultural e Terreiro de Umbanda São Sebastião da Mãe Bena, é um evento simples, as programações iniciam às 8h da manhã, com a organização e preparação do alimento aos cães, para realizar essa distribuição de alimentos, Mãe Bena conta com a doações de rações e outros condimentos que ajudam na composição do alimento. São preparados 800 marmitas de alimentos, as quais são distribuídos entre os cães, pessoas enfermas, moradores de rua e presidiários, tudo isso seguindo uma tradição fortemente ligada ao catolicismo. A distribuição dos alimentos inicia-se às 12h, muitas pessoas vão até o Terreiro levar seu cão para se alimentar, na ocasião é colocado um pano ao chão, onde os cães irão se alimentar nos pratos, todo esse momento se estende até às 14h, quando se encerra as distribuições e os médiuns se preparam para a gira festiva em honra ao Orixá Omolú/Obaluaê. A gira se estende até às 19h, quando inicia a festa dançante, com bandas e atrações locais.

#### FESTA DE SÃO JORGE – TERREIRO DA MÃE SOCORRO

Mãe Socorro é uma das Zeladoras de umbanda em Parintins, filha de santo do Pai Daniel Brito, tem seu terreiro localizado no bairro do Itaúna I, na rua Tomazinho Meireles, o nome de seu Terreiro Recanto da Cabocla Jurema e de São Jorge tem muita ligação com a sua espiritualidade, ela sendo devota de São Jorge e tendo como guia espiritual a Cabocla Jurema. Mãe Socorro nos relata um pouco sobre essa devoção a São Jorge:

O nome do meu terreiro é São Jorge, pela grande devoção que tenho a ele né, é algo meu dentro de mim, que me faz ser dedicada a esse Santo, então né quando a gente resolveu fazer uma festa a um santo percebemos que São Jorge não era tão festejado e assim tivemos a ideia de fazer cada ano uma festa pra ele. (Mãe Socorro)

Percebe-se que Mãe Socorro decidiu realizar a festa de São Jorge pela sua devoção ao Santo, ou seja foi uma idealização dela junto com seus filhos para realizarem esse evento complexo, entretanto a mesma afirma a importância de festejar o Santo dentro da Umbanda:

A gente sabe que dentro da Umbanda São Jorge é Ogum né, o orixá dos caminhos, da guerra, por ser um dos Orixás bem cultuado dentro da religião passamos a fazer um toque mais diferente para ele. (Mãe Socorro)

Quando a mesma relata que passaram a fazer um toque de tambor diferenciado pra São Jorge ela completa afirmando que a festa quando surgiu era como um aniversário:

Então mandávamos fazer um bolo, salgadinhos, doces e refrigerante, como ainda estava começando, e como você sabe, tudo começa tão pequeno, ainda não fazíamos destruição de comida, mas a gente já fazia algo que se diferenciava dos demais, então colocávamos na frente do santo, o bolo e

tudo mais e cantávamos os parabéns como se fosse o aniversário do Santo.  
(Mãe Socorro)

No catolicismo a festa dos Santos são comemoradas no dia do seu martírio, que é dada pela morte do santo, para mãe Socorro, o dia de São Jorge dia 23 de abril se comemora o aniversário do Santo. Ela relata como a festa foi tomando proporção:

A festa era pequena, distribuíamos os salgadinhos, refrigerante, logo em seguida vinha o ritual umbandista, mas com o tempo as pessoas foram ajudando, os amigos do terreiro, meus filhos de santo que moram em Manaus né, e que vão contribuindo com a festa, depois passamos a comprar porco pra fazer a comida né, e hoje a gente conta com dois bois, quatro porcos e mais algumas caixas de frango que também, é, são colaboradas para nós. Esse ano a distribuição foi feita pela parte da manhã, às 11:30h começou a distribuição né, muitas pessoas vieram ao nosso terreiro, algumas delas comiam aqui, outras levavam, mas também íamos distribuir para outros bairros mais carentes. (Mãe Socorro)

Assim como na festa de São Sebastião do terreiro da Mãe Bena, na festa de São Jorge também é realizado a distribuição de comida e de refrigerante, onde há também uma organização para ser realizado a festa, quando questionada sobre essa organização e questão logística sobre a festa, mãe Socorro afirma que:

Bem a gente pensa sempre em fazer uma festa diferente da que foi dos outros anos, buscamos nos erros construir os acertos né, então é um planejamento que conversamos né, eu meus filhos de santo, nós pensamos tudo né e depois vai para a Mãe Jurema que é a dona da casa, tudo passa por ela, aí quando ela aprova a gente vai corre atrás pra fazer, se não a gente volta, vê onde pode ser mudado até tudo dar certo. (Mãe Socorro)

Através desse relato, observa-se que a guia espiritual da Mãe Socorro, a Cabocla Jurema é quem tem uma determinada autoridade de ordenar como deve ser realizada a festa, dessa forma observa-se que a realização da festa de um Santo católico é organizada por um guia espiritual na Umbanda, como ela também relata em relação as vestimentas:

Esse ano eu fiz a minha corrente de médium com eles usando roupa azul, porque Ogum também tem a cor azul né, mas São Jorge tem seu manto vermelho e suas cores vermelho e branco como é tradicional a gente usar, então esse ano a gente teve esse ideia de iniciarmos o baiamento de azul, os filhos conversaram com a dona Jurema e ela autorizou que vestisse o azul pra começar a gira. (Mãe Socorro)

Dessa forma a sacerdotisa conta com o apoio não só de seus filhos de santo, como também dos seus guias espirituais, a festa de São Jorge é realizada durante três dia, 22, 23, 24 de abril, um dia antes ocorrer a preparação da festa, da casa, organização e limpeza, preparação da carne e o corte, no dia 23 é o dia da festa do Santo, logo pela manhã, todos os filhos se reúnem para prepararem o almoço que é distribuído, às 11:30h é realizado a distribuição das comidas, contando com 600 marmitas entregues para outros moradores,

durante o dia tem o som ao vivo com cantores que realizam shows durante o almoço, logo após, às 16h, os filhos se preparam para o ritual umbandista, com início às 19h, a gira se estende até às 21:30h, quando é encerrado o toque de tambor e passam para o momento social, com as bandas locais, na festa não há a venda de bebidas, porém não é proibido o consumo.

Em seus últimos relatos dado a entrevista, mãe Socorro comenta um pouco sobre o local onde está situado seu Terreiro, vale ressaltar que o Terreiro da Mãe Socorro se encontra em uma área urbana da cidade:

Quando eu comecei a trabalhar, eu comecei aqui mesmo no Itaúna, teve um período quando meu marido faleceu e eu fui me cuidar lá com a Bena, eu já não busquei mais o Pai Daniel, então fiquei uns meses me tratando no Terreiro da Bena, até que vim pra cá pro Itaúna, eu já tinha minha mesa e trabalhava atendendo meus amigos e os amigos dos meus amigos, assim o público foi crescendo aqui nesse bairro, quando em 2001 eu montei do lado de fora da minha casa um local pra baia, foi então que começou haver toque de tambor, fui iniciando alguns médiuns e filhos de santo. E durante tá todo esse tempo aqui, nenhum morador, vizinho, veio me perturbar, bater na minha porta brigando comigo, não nunca, sempre foi tudo tranquilo e olha que tem uma igreja na frente e atrás do meu terreiro. (Mãe Socorro)

## CONCLUSÃO

Para entender a complexidade da presença dos Santos católicos nos terreiros de umbanda se torna fundamental analisar as estruturas tradicionais da cultura dos Santos Populares na Amazônia e seus festejos. O catolicismo popular na região Amazônica se dá desde o período da colonização da região, a partir disto nota-se a presença das igrejas católicas em diversas comunidades interioranas, que realizam os festejos de seu santo devoto, um misto de devoção, fé e Ritos.

Os traços que esses festejos trazem consigo, primeiramente trata-se da realização do rito religioso logo após a festa, com suas músicas regionais, as danças típicas, brincadeiras, distribuição de comida entre outros aspectos, que se fazem bastante presente nos festejos umbandista. Vários terreiros de umbanda em Parintins, realizam suas festas seguindo as mesmas características das festividades católicas, outro exemplo é a presença de mastros, a festa destinada à São Sebastião é onde se encontra esse elemento simbólico com frutas e bebidas, diferentemente das festas de São Jorge, Santo Antônio, São Cosme e São Damião, onde a festa se caracteriza por outros elementos, a festa de Santo Antônio por exemplo é

caracterizada pela fogueira, pelo mastro de fica e de sebo, pelas comidas juninas, já a festa dedicada à São Jorge nota-se a presença da feijoada, a realização da festa geralmente é de dia.

Assim podemos perceber a diferença entre as festas realizadas dentro dos terreiros de umbanda, abordar cada um desses festejos é se aprofundar nas complexidades e nas pluralidades simbólicas, e na singularidade de cada terreiro em realizar as suas festas.

Outro fator abordado nos remete a segregação dos terreiros de umbanda, para compreender o que muitos terreiros enfrentam, nota-se que territorialidade identitária de cada Terreiro pode ser observada seja na sua história, memória, lutas sociais e nas construções simbólicas irradiadas no terreiro, dentre os quais estão: o nome do terreiro e um slogan com a simbologia que representa o Terreiro. O terreiro da Mãe Neia é um dos exemplos que pode ser utilizado, por se tratar de um terreiro afastado das áreas urbanas, entretanto se tornou um terreiro com bastante divulgação através de seus próprios projetos culturais que chegam até os locais públicos da cidade. Nota-se que é um dos terreiros que enfrenta uma problemática de segregação, entretanto luta pelo seu espaço e sua afirmação dentro da área urbana e pública, não apenas isso, mas o Terreiro é uma fábrica de cultura, produzindo artigos e materiais artísticos sobre a cultura africana, nos oferecendo um patrimônio simbólico do negro e do índio.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BRAGA, Sérgio Ivan Gil. **“Danças e Andanças de Negros na Amazônia”**. In.: CAMPELO, M.M.; LUCA, T.T. As duas africanidades estabelecidas no Pará. Revista Aulas (UNICAMP), V. 4, p. 1-27, 2007.

BRAGA, Sérgio Ivan Gil. **“Festas Religiosas e populares no Amazonas”**. – Coimbra: Congresso Luso-afro-brasileiro de Ciências Sociais, 2004.

CORRÊA, Roberto Lobato, ROSENDAHL, Zeny. **Manifestações da cultura no espaço**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999.

CORRÊA, Roberto Lobato. **O Espaço Urbano**. 4ª ed. Ática: São Paulo, 2002. Petrópolis, RJ: Vozes, 1992.

CORRÊA, Rosemary. **Festa de santo: o pagamento de promessas em Parintins - AM**. Dissertação (Mestrado em Sociologia), Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2011.

GALVÃO, Eduardo (1955) **Santos e viagens**. São Paulo, Companhia Editorial Nacional

MAUÉS, R. Heraldo. **Catolicismo popular e pajelança na região do Salgado: as crenças e as representações**. In: SANCHIS, PIERRE (Org.). **Catolicismo: Unidade religiosa e pluralismo cultural**. Col. **Catolicismo no Brasil Atual**, v. 3. São Paulo: Loyola, 1992, p. 197-230.

MAUÉS, R. Heraldo. **Padres, Pajés, Santos e Festas: catolicismo popular e controle eclesiástico**. Belém: Cejup, 1995.

MONTEIRO, Mário Ypiranga (1983). **Cultos de Santos e festa profano-religiosas**. Manaus, Imprensa oficial.

ORTIZ, Renato (1985). **Cultura brasileira & identidade nacional**. São Paulo, Editora brasiliense.

**Pajelança e religiões africanas na Amazônia** / Raymundo Heraldo Maués, Gisela Macambira Villacorta organizadores. – Belém : EDUFPA, 2008.

PRANDI, Reginaldo, (Org.). **Encantaria brasileira: o livro dos mestres, caboclos e encantados**. Rio de Janeiro: Pallas, 2004.

PRANDI, Reginaldo. **O Brasil com axé: candomblé e umbanda no mercado religioso**. Estudos Avançados 18 (52), 2004.

SODRÉ, Muniz. **O terreiro e a cidade: a forma social negro-brasileira**. Rio de Janeiro: Imago; Salvador, BA: Fundação Cultural do Estado da Bahia, 2002.

THOMPSON, E. P. **Costumes em comum: estudos sobre a cultura popular tradicional**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

TRINDADE, Deilson do Carmo. **As benzedeiros de Parintins: práticas, rezas e simpatias**. Manaus: Edua, 2013.